

Cristiane de Souza, Educadora Nota 10

COM AULA QUE INCENTIVA PROTAGONISMO DOS ALUNOS, PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA TEM PROJETO ENTRE OS DEZ MELHORES DO PAÍS EM PREMIAÇÃO COM MAIS DE CINCO MIL INSCRITOS

O projeto “Bolinhas de Gude: Descobrimo outras formas de ensinar, aprendendo outros jeitos de aprender” pode parecer simples à primeira vista, mas por trás da iniciativa há um elaborado planejamento. A fim de reinventar brincadeiras tradicionais, trabalhando a coordenação fina dos alunos, a Profissional de Educação Física Cristiane Pereira de Souza Francisco [CREF 061589-G/SP] levou bolinhas de gude para a quadra da Escola Estadual Antônio de Oliveira Bueno Filho, em Araraquara (SP). Após a apresentação do material, cada aluno recebeu dez bolinhas e foi incentivado a criar novos jogos. “Eu não os ensinei a jogar, mas ofereci

as bolinhas e pedi que trouxessem diferentes modos de brincar”.

Cristiane, que já havia participado do concurso realizado pela Fundação Victor Civita outras cinco vezes, conta que foram essas experiências que a fizeram vencer em 2017. “Em 2015, eu concorri com jogos de perseguição aplicados a crianças do terceiro ano. O jurado explicou que apesar de estarem vivenciando experiências novas, as crianças não eram protagonistas. Eu fiquei com aquilo na cabeça, pensando num jeito de dar voz aos alunos”.

Em entrevista à Revista Educação Física, Cristiane conta como se deu a importante conquista.



Revista Educação Física - Conte mais sobre a sua formação e inserção na Educação Física Escolar.

Cristiane de Souza - Na verdade, eu entrei na Educação Física porque treinava Karatê. Foi meu incentivo. Quando fui prestar vestibular, eu não sabia a diferença entre Bacharelado e Licenciatura e acabei optando pela segunda, mesmo sem conhecer, e acabei gostando da Educação. Logo no primeiro ano, comecei uma iniciação científica, com o tema "Preconceito, discriminação e exclusão na Educação Física Escolar". A minha turma se formou no fim de 2005, ano em que houve um concurso para as escolas estaduais aqui de São Paulo, o que não acontecia havia dez anos. Eu nem estava formada ainda, mas me inscrevi e acabei passando. Como a gente assumiria apenas em fevereiro do outro ano, eu já estaria graduada. Então, logo que me formei, já ingressei no mercado.

Revista Educação Física - A senhora é licenciada e bacharela em Educação Física, certo? Como surgiu o interesse pela área e por que escolheu a Licenciatura para atuar e não o Bacharelado?

Cristiane de Souza - Na verdade sou da última turma de formados com Licenciatura Plena. Optar entre Bacharelado e Licenciatura ocorreu devido à entrada no mercado de trabalho. Como eu já estava atuando em escola, que se mostrou uma área de atuação bem interessante para colocar em prática o que havia aprendido ao longo da graduação. Eu acredito na Educação Física escolar pela possibilidade de trabalhar com mais pessoas. Eu, por exemplo, tenho anualmente mais de 300 alunos. Esse ano estou com 17 turmas porque acabei passando novamente em outro concurso e peguei outro cargo.

Revista Educação Física - A senhora venceu o Prêmio Educador Nota 10 com o projeto "Bolinhas de Gude: descobrindo outras formas de ensinar, aprendendo outros jeitos de aprender". Como percebeu que o jogo seria interessante pedagogicamente?

Cristiane de Souza - Todo início de ano, eu faço uma espécie de diagnóstico com os alunos para saber quais brincadeiras eles conhecem e percebo que algumas delas, as mais tradicionais, não são mais lembradas. Dentre elas, as bolinhas de gude. Então, como a matriz curricular do estado prevê que a gente trabalhe qualquer jogo que envolva manipulação de objeto, eu achei que a bolinha de gude contemplaria isso e também resgataria uma brincadeira tradicional. Algumas crianças já conheciam, mas a maioria, principalmente meninas, nunca tinha brincado.



Créditos: Rafael Salgado



Alunos posam com o prêmio conquistado pela professora Cristiane

Créditos: Arquivo pessoal

"Quando você consegue, com o seu projeto, mostrar que a Educação Física também tem valor dentro da escola, é muito enriquecedor"

Revista Educação Física - E como foi a aceitação deles em relação às bolinhas?

Cristiane de Souza - Quando eu disse que eles iam brincar de bolinha de gude, a aceitação não foi imediata. Eles reclamaram que, mesmo tendo a quadra inteira, ficariam sentados brincando com bolinhas de gude. Para eles, Educação Física é correr, pular... Eu expliquei então que faríamos uma das aulas da semana apenas desse modo, mantendo, em no outro dia, as outras atividades, como jogos de perseguição. Então, eles também me fizeram aprender como chamar a atenção deles para esse jogo: eu mudei a minha didática, que é um dos motivos por ter vencido o prêmio. Eu não os ensinei a jogar, nós construímos juntos esses conhecimentos. Eles que trouxeram as regras. Tiveram que pesquisar em casa e voltaram para a aula com formas diferentes de jogar. Ou seja, eles ensinavam uns aos outros, o que chamava a atenção dos colegas, que também queriam testar aquele modo de brincar e trazer novos. A cada aula eles tinham que descobrir um novo jeito de brincar.

Revista Educação Física - Eles pesquisaram os modos de brincar na internet? Os pais influenciaram?

Cristiane de Souza - Na verdade, foi com os pais e familiares mesmo que eles pesquisaram. Como a escola fica numa região periférica, poucos alunos têm acesso à internet. Por isso, eu pensei em algo que não exigisse esse suporte. Então, teve de tudo: uma parte de pesquisas na internet para aqueles que tinham acesso, mas a maioria dos modos de brincar foram sugestões dos pais ou avós das crianças.

Revista Educação Física - Quais conhecimentos adquiridos na graduação serviram de base para o desenvolvimento do projeto?

Cristiane de Souza - Acaba envolvendo tudo. Quando você está na graduação, você não tem a amplitude da aplicação da teoria na prática. Na universidade, as disciplinas estão todas separadas, mas quando você vai para a sala de aula, tudo está interligado, o que exige que você aplique tudo o que aprendeu na teoria. Então, como você vai ensinar essa criança? É preciso ter uma boa didática. Quais habilidades motoras vai exigir dessa criança com a brincadeira da bolinha de gude? Vem da parte de aprendizagem e controle motor. O que ela já está fazendo e o que não está? Você aprendeu em crescimento e desenvolvimento. Assim, temos todas as disciplinas da universidade juntas na prática.

Revista Educação Física - Qual o sentimento de ser vencedora de um prêmio sobre uma causa em que a senhora acredita?

Cristiane de Souza - Muito bom! Ainda mais porque quando eu me inscrevi em 2015, eu fiquei entre os 50 finalistas. Entre os dez primeiros não havia nenhum professor de Educação Física. Aí eu fiquei pensando que não é possível que não haja nenhum professor de Educação Física bom o suficiente para ganhar. E quando você consegue, com o seu projeto, mostrar que a Educação Física também tem valor dentro da escola, é muito enriquecedor. Algo simples, como uma bolinha de gude, com um projeto muito bem feito, trabalhado a partir das crianças, também pode ganhar um prêmio. É também um incentivo para outros professores de Educação Física. Quantos devem estar fazendo a mesma coisa? Não acho



Créditos: Flavio Santana

que seja só eu. Eu leio muito, participo de muitos congressos voltados para a Educação Física, e eu vejo relatos de experiências de outros professores tão bons quanto o meu. E essa é uma forma de mostrar o valor que a Educação Física tem dentro da escola. Além de valorizá-la na tentativa de desmitificar que a aula de Educação Física não é prêmio e nem punição, mas sim um componente curricular que está inserido dentro do contexto escolar e dotado de processos de ensinamentos e aprendizagens que auxiliam as crianças em seu desenvolvimento.

Entenda melhor o projeto em
www.confef.com/404.

Sobre a premiação - Criado em 1998, o Prêmio Educador Nota 10 reconhece professores da Educação Infantil ao Ensino Médio e também coordenadores pedagógicos e gestores escolares de todo o país. Em 2017, foram 5006 projetos inscritos, um crescimento de 20% em relação ao ano anterior.